

## **REFLEXÕES DO CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO ENTRE CAZUZA E A PSICOLOGIA SOCIAL**

**MARIANA POZZI JUNGES<sup>1</sup>; MOISÉS JOSÉ DE MELO ALVES<sup>2</sup>; JANAINA  
BECHLER<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – maripjunges@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – moser.018@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – janainabechler@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

O referido trabalho tem por objetivo relacionar a música “*O tempo não pára*”, escrita por Cazuza, com conceitos da Psicologia Social relacionada ao contemporâneo. Entretanto, não há pretensão de reduzir a arte em uma interpretação. O intuito, pelo contrário, é que o trabalho possa servir como disparador para novas significações e afetos que a arte nos possibilita. Este trabalho parte do entendimento da arte como dispositivo de intervenção, que concede voz e visibilidade a nossos conteúdos simbólicos, com os quais podemos então dialogar. A arte abre um universo de possibilidades. Acabam-se as certezas. Tudo é vir a ser, tudo é devir, tudo é invenção. Temos que (re)inventar nossas vidas a cada momento.

Em se tratando de um período recente desde o fim da Ditadura Militar, Guy Debord é uma das principais referências para relacionar a música de Cazuza aos conceitos pretendidos. Em seu livro “*A Sociedade do Espetáculo*”, datado de 1967, o autor faz uma clara advertência em relação à maneira que a narrativa histórica é tomada pela questão do poder, quando diz que “refletir sobre a história é inseparavelmente, refletir sobre o poder” (DEBORD, 2015, p. 92). Os livros de história que trazem a história hegemônica, aquela que os alunos costumam aprender, pouco fazem referência a como se deu essa tomada de poder. Dessa forma, Debord (2015) cita que o tempo histórico é constituído pelos possuidores da história, no qual utilizam o poder da linguagem escrita como seu armamento para continuar no poder, haja vista os atos institucionais no período da Ditadura. Além dele, autores como HUBERMAN (2011), FOUCAULT (2013a, 2013b), AGAMBEN (2011) e BENJAMIN (2012) potencializam as ideias aqui trazidas fazendo costuras com outros autores e com problemáticas contemporâneas.

### **2. METODOLOGIA**

O trabalho foi realizado por meio de revisão bibliográfica a partir da disciplina Psicologia Social e Contemporaneidade, oferecida pelo curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. A produção foi feita levando em consideração que a canção “*O tempo não Pára*”, de Cazuza, data de 1988, se deu em um tempo de redemocratização do país. A música foi estudada por trechos que foram relacionados com conceitos de autores renomados dentro da Psicologia Social.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante a pesquisa, pôde ser elaborado um paralelo com a “*Sobrevivência dos Vagalumes*” de HUBERMAN (2011). No início dessa obra, o autor traz um pouco da história da vida de Pasolini (cineasta, poeta e escritor da esquerda italiana), na qual ele tem uma tese de que os vagalumes, metáfora às luzes

menores dos artistas que resistiam às grandes luzes da propaganda de Mussolini, estariam sendo apagadas. Para HUBERMAN (2011), Pasolini acreditava que a cultura estava entregue ao mundo do consumo burguês. Nesse sentido, nos parece que a música tenta estabelecer um processo de resistência artística aos discursos conservadores do Brasil. Em contraponto a esta visão de Pasolini, HUBERMAN (2011) cita que Denis Roche, outro cineasta, apresenta a tese de que os vagalumes estão desaparecendo pelo fato dos espectadores não mais os procurarem.

Uma de nossas hipóteses é que Cazuza compõe uma discussão de resistência à sociedade individualista e controladora. No texto *Experiência e Pobreza*, BENJAMIN (2012) cita que a experiência são as histórias contadas oralmente e transmitidas como um tesouro a quem as escuta. Assim, as novas relações sociais permeadas pelo ritmo intenso de trabalho estão ficando cada vez mais maquinicas, afastando-se da manufatura, na qual a técnica era transmitida ao discípulo através da fala. Cria-se, assim, a sociedade do anonimato, onde a experiência não mais importa e recai sobre os homens o desenvolvimento da técnica. A música referida nos remete a essa sociedade quando Cazuza a canta e diz que é “mais um cara”, negando que as experiências que teve o diferem dos outros e sequer importam.

Dialogando com BENJAMIN (2012) e FOUCAULT (2013a), Debord (2015) cita a questão da composição do mundo moderno ao longo do tempo e afirma que este se compôs a partir de certas rupturas das relações de poder. Para o autor, existem dois tipos de tempo: o cíclico e o pseudocíclico. O primeiro faz relação aos ciclos da natureza e os formatos das sociedades nômades e sedentárias feudais que compunham a sua relação com o mundo a partir dessas características de plantio. Já o pseudocíclico seria uma invenção da sociedade espetacular moderna, onde sempre se há mercadorias a qualquer tempo, sendo negada a história e a morte.

Em decorrência disso, o tempo irreversível da vida burguesa, aquele em que o gasto do tempo é valorizado e deve acontecer, torna-se trabalho direcionado à produção. Dessa forma, esse novo tipo de relação com o tempo para o acúmulo de bens faz com que tempo histórico seja de certa forma esquecido e rechaçado em prol do trabalho. Para tal, as formas de poder capitalista, além das técnicas científicas, trouxeram de volta o mito cristão para apassivar os corpos, pois traz o culto ao homem ideal (DEBORD, 2015).

A partir disso, FOUCAULT (2013b) nos ajuda a pensar nos mecanismos criados para o controle dos corpos individualizados. As câmeras surgem como uma nova forma de panoptismo, onde o observado é induzido a um estado consciente de visibilidade que assegura o funcionamento do poder. O cenário é composto especialmente para proporcionar uma rede de olhares que controlam uns aos outros e, conseqüentemente, para que a disciplina externa seja interiorizada, dando à visibilidade, o poder. Ou seja, a câmera é aqui um mecanismo de ordem psicológica muito mais do que de punição, pois o indivíduo introjeta as relações de poder existentes em si e já não precisa de um vigia de fato (FOUCAULT, 2013b).

“O tempo não pára” pode ser pensada como um diálogo da resistência do vagalume Cazuza com as condições de saída da Ditadura, já que cria formas de ir contra os modos de existência nesse tempo que corre ao tempo espetacularizado do consumo. A relação com DEBORD (2015) aparece, novamente, quando o autor fala sobre o *tempo-mercadoria*, que captura a experiência do tempo cíclico relativa à natureza e existentes nas sociedades pré-industriais. Assim, há uma simulação do tempo, visto que finge ter o que não tem. Como disfarce, a

sociedade passa a ser mediada por imagens que compõem esse pseudo-tempo, que acarreta na *falsa consciência do tempo* (idem, ibidem: 108, tese 158). Apresentam-se como opostos agora o tempo cíclico das sociedades pré-industriais e o tempo pseudocíclico devorado no capitalismo atual.

No decorrer da canção, Cazusa alumia à ideia de que a nova sociedade que nasce, junto à questão do espetáculo do consumo, busca a superação das vivências da Ditadura em uma espécie de negação, confirmando, novamente, a queda da experiência. Isso também trabalha BENJAMIN (2012) quando fala sobre os combatentes de guerra que não queriam dar voz aos horrores vividos.

Leitor de Benjamin e Foucault, AGAMBEN (2009) problematiza o tempo presente como uma obscuridade que poucos conseguem ter a lanterna para enxergar, tal como Cazusa conseguiu.

É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra, sobre o passado, e este, tocado por este faixo de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do “agora”. É algo do gênero que devia ter em mente Michel Foucault que escrevera que as suas perquirições históricas sobre o passado são apenas a sobra trazida pela sua interrogação teórica do presente. E Walter Benjamin, que escrevia que o índice histórico contido nas imagens do passado mostra que essas alcançarão sua legibilidade somente num determinado momento de sua história (AGAMBEN, 2009, p. 72).

As ideias que surgem no final da música nos remetem a um cenário onde se tenta encontrar os vagalumes que possam iluminar a desigualdade social existente em nosso solo, constantemente acobertada pelos discursos da moral burguesa, que tudo explica. Essas práticas discursivas atuam na imposição dogmática de verdades, de forma que utilizam toda sua micro maquinaria tecnológica para construir o controle da sociedade. Tais discursos de verdade/poder incidem sobre o imaginário da população, compondo um processo de disciplina ao trabalho e, por conseguinte, ao consumo (FOUCAULT, 2013b).

#### 4. CONCLUSÕES

À soma das questões debatidas, é possível depreender um sentido além da conotação superficial de uma primeira escuta da música. Isso porque os fatos narrados criam uma intersecção entre as ideias apresentadas pelos autores e a realidade sociopolítica vivenciada por Cazusa no período em que compôs a canção em tela.

Num primeiro momento, a partir das ideias de HUBERMAN (2011), foi possível estabelecer uma composição da música com o processo de resistência política dos vagalumes. Além disso, também tentamos linkar à música as teses sobre a experiência que BENJAMIN (2012) traz, bem como conceitos de FOUCAULT (2013b) acerca da biopolítica, da disciplina e do controle. De um modo geral, atrevemo-nos a possíveis relações da música de Cazusa com a Sociedade do Espetáculo.

Posto isso, cabe pensarmos a potência da arte como criação de resistência a toda essa problemática contemporânea da sociedade capitalista do espetáculo. Nesse sentido, a partir do pensamento de HUBERMAN (2011), precisamos estar preparados para procurar na escuridão pelas luzes menores que resistem às grandes, para que continuemos dançando tal como os vagalumes.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó-SC: Argos, 2009.
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 8ª Ed, 2012. (Obras Escolhidas I)
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto. 14ª Reimpressão, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FOUCAULT, M. **A Verdade e as formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013a.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 41 ed, 2013b.
- O Tempo não Pára**. Disponível em: <http://letras.mus.br/cazuza/45005/>. Acesso dia: 16/06/2015.